

UMA ANÁLISE DO PAPEL EDUCATIVO DOS MUSEUS AFROBRASILEIROS COMO LUGARES DA MEMÓRIA, INCLUSÃO E CONHECIMENTO HISTÓRICO.

José Pereira de Sousa Junior
Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN
josejuniorufrn@gmail.com

O presente trabalho faz parte de reflexões produzidas no componente curricular de Museologia ministrado no curso de História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - CERES, no qual tivemos a experiência de estabelecer vários diálogos sobre a importância dos museus como um espaço de memória, produção de conhecimento, inclusão social e étnica, pois hoje o Brasil conta com mais de 2.200 museus, sendo que aqueles voltados para as questões afro-brasileiras e todo o legado cultural produzido e deixado pelos negros(as) ao longo da diáspora negra para as Américas são ínfimos. Em nossas análises, constatamos que o número de museus que tratam destas problemáticas não chegam a uma dúzia no Brasil, e que somente em 1982 é que foi inaugurado o primeiro museu afro-brasileiro na cidade de Salvador-BA, cuja iniciativa da UFBA. Constatamos ainda, que o desconhecimento sobre a importância dos museus como espaço pedagógico e de conhecimento é assustador, pois não se tem no Brasil a prática de visitar museus, nem tão pouco de utilizá-los como um espaço de aprendizagem sobre as diversas culturas que fazem parte do mosaico étnico brasileiro. Entendemos que visitar museus não seja apenas um programa de fim de semana, mas, também conhecer nossa história através do tempo.

Palavras - chave: Museus – Educação – Inclusão – Etnia – Memória.

Abstract.

AN ANALYSIS OF THE ROLE OF Afro-Brazilian EDUCATION MUSEUMS HOW MEMORY SEATS, INCLUSION AND HISTORICAL KNOWLEDGE

This work makes part of the curricular component reflections produced in Museology taught in the course of History, Federal University of Rio Grande do Norte State-CERES, which had the experience of establishing several dialogues about the importance of museums as a memory space, production knowledge, social and ethnic inclusion, because today Brazil has over 2,200 museums, and those facing the African-Brazilian issues and all produced and cultural legacy left by blacks along the black Diaspora in the Americas are negligible. In our analysis, we found that the number of museums that deal with these problems do not amount to a dozen in Brazil, and it is only in 1982 that opened the first African-Brazilian Museum in Salvador, Bahia, an initiative of UFBA. We note also that the lack of knowledge about the importance of

museums as educational space and knowledge is scarce because you do not have in Brazil the practice of visiting museums, nor to use them as a place of learning about the various cultures that make the Brazilian ethnic mosaic. We understand that visiting museums is not just a program for the weekend, but also know our history through time.

key – words: Museums - Education - Inclusion - Race -Memory.

Palavras iniciais sobre o surgimento do Museu.

O termo museu (CALDEIRA, 2008), do latim *museum*, tem sua origem nas palavras gregas *mousa* (templo e morada das musas, lugar consagrado às nove musas) e *mouseion*, que designava a parte do palácio de Ptolomeu I (c. 367/366-283/282 a.C.), em Alexandria, Egito, onde sábios e filósofos se reuniam para estudar as ciências, as letras e as artes.

O local era constituído de biblioteca, salão de leitura, jardim botânico, zoológico, observatório é considerado como o primeiro museu. O interesse em colecionar objetos de arte, “paixão anárquica e destrutiva” que tem a intenção de preservar recortando “a tradição e destruindo o contexto do qual o objeto fizera parte” (COLECIONISMO, 2002, p. 20), remonta à época helenística, quando os gregos amalhavam materiais preciosos, raros exóticos.

Na antiguidade clássica, por exemplo, na Grécia, os templos continham em suas fachadas e dependências, estátuas, vasos, pinturas, peças em ouro, prata e bronze, expostos à admiração pública. Esse gosto por obras de arte foi continuado pelos romanos e, no final da República e do Império, são formadas coleções de objetos obtidos durante as guerras, com a pilhagem de peças que, posteriormente, eram exibidas e apreciadas pelos cidadãos, durante os ofícios religiosos, em procissões, em acontecimentos políticos, nos templos, fóruns, teatros, saunas e jardins públicos.

Do período medieval até o meados do século XIV desenvolveram-se entre os senhores feudais esses impulsos ou hábito de colecionar objetos, não tanto pelo seu valor pecuniário, mas pelo que eles representavam em termos científicos e culturais. Reunir obras de arte tornou-se uma questão de prestígio para os grandes senhores, e, da mesma forma, também a Igreja Católica, ao exibir esculturas, murais, mosaicos, vitrais e tapeçarias, com a finalidade de cativar seus fieis. Portanto, na Idade Média, igrejas, conventos e mosteiros europeus transformaram-se em verdadeiros museus, ao

abrigarem imagens, estátuas, pinturas, pratarias, manuscritos, jóias e relíquias de toda espécie.

Já a partir do século XV, especialmente na fase renascentista, pode-se constatar que os palácios dos príncipes, nobres, autoridades eclesiásticas e famílias italianas notáveis e abastadas abrigavam importantes coleções de obras de arte. É consequência desse cenário que, na segunda metade do séc. XV o termo museu passa a ser usado para designar uma coleção de objetos considerados belos e valorizados comercialmente.

A criação dos museus modernos toma impulso com as doações de coleções particulares que passaram ao domínio público e coleções reais são abertas à visitação pública, culminando com a ampliação do acesso a esses acervos, como foi o caso do governo francês, que autorizou o acesso ao público, ao palácio Luxemburgo, em Paris, que abrigava o acervo do Rei Francisco I (1494-1547) cuja coleção foi transferida, em 1773, para o edifício denominado Louvre. É, portanto, a partir dessa consciência social de disponibilização de tais preciosidades que são criados os grandes museus europeus, entre o final do séc. XVIII até o início do século XX.

Enquanto isso no Brasil ...

No Brasil, Dom João VI criou dois importantes museus: o primeiro, em 1816, por meio de doação dos quadros adquiridos na Europa por Joachim Lebreton, chefe da Missão Francesa de Artistas e Artífices, à Escola Real das Ciências, Artes e Ofícios do Rio de Janeiro. Esse acervo foi repassado, posteriormente, à Escola Nacional de Belas Artes até 1937, quando da criação do Museu Nacional de Belas Artes. O segundo, em 1818, foi o Museu Real, instalado no prédio do atual Arquivo Nacional, até 1892, quando foi transferido para o Palácio de São Cristóvão, na Quinta da Boa Vista, na mesma cidade.

No final do século XIX, o Brasil tinha aproximadamente dez museus, e, com exceção do Museu Naval e Oceanográfico (1868) e do Museu da Academia Nacional de Medicina (1898), todos os demais tinham alguma relação com as práticas classificatórias dos elementos encontrados na natureza. Além do Museu Nacional, os outros dois grandes museus brasileiros eram o Museu Paulista (1895) e o Museu Goeldi (1866).

Em 1922, Gustavo Barroso, ao criar o Museu Histórico Nacional, foi responsável pelo estabelecimento de um marco que anunciava uma nova era de museus nacionais no Brasil. O acervo deixava de ser constituído por elementos da natureza e passava a ser de objetos que representassem a história da nação. Esta, entretanto, privilegiou o legado da elite brasileira, assim como seus feitos históricos, mantendo à parte a participação popular. A homenagem à tradição e ao Império serviu também de base ao discurso nacionalista conservador e elitista que Barroso vinha defendendo há alguns anos.

Mas foi ainda Barroso que exerceu papel importante na configuração dos demais museus. Ele foi o responsável pela criação do Curso de Museus, que, entre 1932 e 1970, formou técnicos para todo o país. A ideologia patriótica, hierárquica, romântica, anticosmopolita e conservadora de Barroso mantiveram-se presente na criação, em 1934, da Inspetoria dos Monumentos Nacionais.

A partir da década de 1970, as novas práticas desenvolvidas nos museus priorizam o respeito à diversidade cultural, a integração dos museus às diversas realidades locais e a defesa do patrimônio cultural de minorias étnicas e povos carentes. Mais do que isso, os museus modificaram a relação cotidiana entre profissionais de museus, exposições e público. A tarefa educativa passou a ser compreendida a partir do diálogo com o público e de práticas interativas.

De acordo com Myrian Sepulveda, há hoje no Brasil um número superior a 2.200 museus e o levantamento do número, tipo e práticas desenvolvidas por eles requer um aparato institucional especializado. Apesar de mais de 80% dos museus brasileiros serem ainda instituições públicas, nós não encontramos na esfera governamental, no âmbito municipal, estadual ou federal, nem levantamento de dados sobre os museus existentes, nem estudos ou avaliações sobre as práticas desenvolvidas por eles.

Sobre a importância dos museus, (PEREIRA, 2007, p. 11) afirmam que “os museus são ambientes culturais e educativos” que “pretendem educar por meio da sensibilização e cultivam a comunicação e produção de significados a partir de seus objetos, exposições, propostas educativas...” Assim, para atingir tais objetivos realizam exposições utilizando como meio de comunicação com o público, a palavra, que procurará dar sentido ao objeto ou à exposição como um todo.

No entanto, (CASTRO, 2007, p. 105) pondera que, dentre as “instituições de memória, o museu tem um papel impar na sociedade moderna como mediador entre o público e o acervo, e enquanto o comunicador e produtor do discurso. A forma pela qual o público recebe o conteúdo e a mensagem de uma exposição museológica assegura e garante a legitimidade da função social do museu”.

Há muitas e boas razões para afirmar que, à luz de tudo o que tem vindo a comprovar-se nas últimas décadas, o museu deveria ser considerado como um parceiro imprescindível, em qualquer programa educativo, minimamente estruturado e diversificado. A chamada “explosão museológica”, por um lado, e a necessidade de os museus captarem um número cada vez mais elevado de visitantes, por outro, levam-nos a refletir acerca dos públicos, sob diversas perspectivas.

Historicamente falando, passou-se de uma época em que, como já se disse, só uma elite se dirigia aos museus, para outra em que o público-alvo principal era o escolar – o que faz todo o sentido, dada a complementaridade entre a educação formal, assegurada pela escola, e a não formal, de que se ocupam os museus –, para além do qual apenas se considerava o público geral, como uma massa homogênea.

Museus afro-brasileiros, lugares de memória e inclusão: dificuldades de um percurso histórico.

Mesmo com a grande quantidade de museus que temos espalhado por todo território brasileiro, os museus que retratam a cultura afro-brasileira aparece em numero bastante reduzido e nem sempre divulgado a nível nacional. As dificuldades que estes museus encontraram para funcionarem foi marcada por muitos debates e lutas dos movimentos sociais negros e de algumas figuras que tiveram ao longo do tempo destaque enquanto intelectual e produtor de conhecimento como foi o caso de Abdias Nascimento, grande ativista negro que dedicou grande parte de sua vida á defender políticas sociais e culturais para os negros e Emanuel Araujo grande incentivador da cultura e da arte negra e responsável pela fundação do MAB – Museu Afro-brasileiro.

O Museu Afro-Brasileiro (MAFRO) foi inaugurado em janeiro de 1982, fruto de um Programa de Cooperação Cultural entre o Brasil e países da África. Seu acervo é composto de esculturas, máscaras, tecidos, cerâmicas, adornos, instrumentos musicais e jogos africanos, que testemunham a visão de mundo e os conhecimentos

técnicos de diversos povos da África Ocidental e Central. Há também objetos de origem afro-brasileira, relacionados às divindades e sacerdotes do candomblé na Bahia. Merece destaque especial o conjunto de talhas em cedro do artista plástico Carybé, retratando 27 orixás, que constitui uma das mais importantes obras da arte contemporânea brasileira.

O objetivo para a criação deste museu foi torná-lo um espaço de identidade e memória da população afro-descendente. Desde sua inauguração este museu vem recebendo grande visitação de público escolar, procurado por educadores comprometidos com a inclusão do povo negro à educação formal e com o direito que todos os brasileiros têm ao acesso ao conhecimento sobre uma de suas principais matrizes civilizatórias.

Outro museu que foi inaugurado e aberto na década de 80, trata-se do Museu da Abolição localizado em Recife – PE no ano de 1983 com o objetivo de fortalecer as discussões sobre a situação do negro no pós-abolição. Este museu dispõe de grande acervo de objetos que retratam a violência cometida contra os negros, assim como sua parte de arquivo que guarda a memória da escravidão pernambucana, como, por exemplo, nas cartas de alforrias de escravos, recortes de jornais e relatos provinciais.

No nosso entendimento, não basta somente abordar aspectos das culturas de origem africana, como a culinária, o samba e a capoeira no currículo educacional, porém tratando-os como “manifestações folclóricas” ou “folguedos”. É preciso investigar a importância que tais práticas tiveram e têm para a constituição de uma identidade nacional e os significados particulares que assumiram para a conformação da identidade negra, enquanto formas de sociabilidade e práticas de resistência do povo negro. É preciso, igualmente, indagar como e por que tais práticas têm sido discriminadas e depreciadas, em prol de práticas culturais de origem européia.

O Museu Afro Brasil – MAB - foi inaugurado em 2004 através do Decreto Municipal nº 44.816, de 1º de junho de 2004, durante a gestão da então prefeita Marta Suplicy, e fica localizado no parque do Ibirapuera – São Paulo, tendo sido o artista plástico baiano Emanuel Araújo o responsável por sua criação. O Museu Afro Brasil, como uma instituição social que elege o que mostrar e ocultar, configura-se também como um espaço educativo pelas representações sociais passadas e presentes que escolhe, desconstruindo o imaginário subalterno da população negra e transformando-o em prestígio e pertencimento.

Conserva um acervo de aproximadamente 6 mil obras, entre pinturas, esculturas, gravuras, fotografias, documentos e peças etnológicas, de autores brasileiros e estrangeiros, produzidos entre o século XV e os dias de hoje. O acervo abarca diversas facetas dos universos culturais africano e afro-brasileiro, abordando temas como a religião, o trabalho, a arte, a diáspora africana e a escravidão, e registrando a trajetória histórica e as influências africanas na construção da sociedade brasileira. O museu também oferece diversas atividades culturais e didáticas, exposições temporárias, conta com um teatro e uma biblioteca especializada.

Configura-se como objetivo geral deste museu a promoção do reconhecimento, valorização, preservação e difusão da arte, da história e da memória cultural brasileira, tendo como referência a presença luso afro brasileira, indígena e africana, cuja instituição seja capaz de colaborar na construção de uma país mais justo e igualitário, menos preconceituoso e racista, aberto a pluralidade étnica e cultural de modo a reconhecer a importância histórica das tradições africanas e seus legados culturais causados pela diáspora negra.

O Museu Afro Brasil se propõe a tratar da contribuição do homem negro no Brasil por meio de três vertentes: memória, história e arte. O objetivo da instituição é utilizar seu acervo etnográfico, histórico e artístico para embasar a criação de um centro de reflexões sobre a cultura afro-brasileira, que envolva também as suas decorrências imateriais e a necessidade de preservar a consciência histórica. Visando a formação do público, o museu mantém uma eclética agenda cultural, oferece palestras e cursos e diversas exposições temporárias ligadas ao tema da produção cultural afro-brasileira e do resgate da memória do universo negro.

De acordo com Emanuel Araujo, atual diretor do MAB, a idéia de construção do museu e seu funcionamento, esta ligada a preservar, registrar e afirmar a identidade e a cultura negra no país. Um museu que busque desconstruir estereótipos e fortalecer a relação entre história, arte, memória e cultura. Um espaço que contribua para manter viva toda uma jornada realizada de forma forçada pelas populações negras de várias origens étnicas do Continente Africano, que foram seqüestradas e trazida para as Américas.

Além destes museus acima citados, temos ainda: O Museu e parque memorial Quilombo dos Palmares – AL; Museu do Negro e Memorial dos Pretos Novos – RJ; Museu Senzala do Negro Liberto – Redenção- CE; Museu 13 de maio, Santa Maria –

RS, Museu do Negro (Cafua das Mercês) São Luis – MA; Museu Ilê Axé Opô Afonjá – Salvador – BA; Museu do Percurso do Negro, Porto Alegre – RS, Museu de Magia Negra, Rio de Janeiro.

Temos ainda algumas organizações e instituições que buscam fomentar e fortalecer a conservação e abertura de novos museus que retratem a temática afro-brasileira, como é o caso da Fundação Cultural Palmares, IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico, Artístico e Nacional; IPEAFRO – Instituto de Pesquisas e Estudos Afro-Brasileiros; CEAO – Centro de Estudos Afro-Orientais; IBRAM – Instituto Brasileiro de Museus e o MUNCAB – Museu Nacional da Cultura Afro-Brasileira.

Contudo, estas são algumas das importantes instituições que buscam fortalecer a política patrimonial e museológica no Brasil, porém, ainda estamos distante de ter como política pública ativa e efetiva sobre os museus brasileiros de forma geral, aqui priorizamos os museus que retratam as questões afro-brasileira, mais a necessidade de discussão e reflexão sobre políticas museológicas no Brasil ainda esta distante de países como França, Inglaterra e Estados Unidos que investem no turismo e tem os museus como espaços privilegiados para arrecadar dinheiro, ao mesmo na preservação da memória histórica daqueles países. No caso brasileiro, infelizmente ainda precisamos melhorar muito nossa política acerca de investimentos e fomentos aos museus e a preservação de nossa memória patrimonial e histórica.

Considerações finais.

O papel social dos museus manifesta-se no estímulo à participação da comunidade em suas programações e na divulgação da cultura entre os diversos segmentos da população, por meio da contemplação das peças expostas; expressam as necessidades educacionais e culturais da sociedade contemporânea, constituindo-se em instrumentos para atendê-la em suas pretensões, por intermédio da frequência de seus cidadãos, estudiosos e viajantes que a eles acorrem para satisfazer seus anseios culturais e intelectuais.

Ação educativa são os procedimentos que promovem a educação no museu, tendo o acervo como centro de suas atividades. Pode estar voltada para a transmissão do

conhecimento dogmático, resultando em doutrinação e domesticação, ou para a participação, reflexão crítica e transformação da realidade social.

Neste caso, deve ser entendida como uma ação cultural, que consiste no processo de mediação, permitindo ao homem apreender, em um sentido amplo, o bem cultural, com vistas ao desenvolvimento de uma consciência crítica e abrangente da realidade que o cerca. Seus resultados devem assegurar a ampliação das possibilidades de expressão dos indivíduos e grupos nas diferentes esferas da vida social. Concebida dessa maneira, a ação educativa nos museus promove sempre benefício para a sociedade, em última instância, o papel social dos museus.

Referencias bibliográficas.

ARAUJO, Emanuel. A mão afro-brasileira: significado da contribuição artística e histórica. Emanuel (Ogr.). São Paulo: Tenenge, 1988.

ALMEIDA, Adriana Mortara; VASCONCELLOS, Camilo de Mello. Por que visitar museus. In: BITTENCOURT, Circe (org). O saber histórico na sala de aula. Editora Contexto: São Paulo, 1997. p.104-116.

ALMEIDA, Marcelina das Graças de. Museu: espaço educativo, lugar de memória. Revista Presença Pedagógica, Belo Horizonte, v. 4, n. 23, p.69-77, set/out 1998

BRUNO, Cristina. Museologia e museus: princípios, problemas e métodos. Cadernos de Sociomuseologia, Lisboa, ULTH, n.10,1997.

BRASIL. Política Nacional de Museus: memória e cidadania. Brasília: Ministério da Cultura, 2003.

CASTRO, Ana Lúcia Siaines de. Memórias clandestinas e sua museificação. Rio de Janeiro: Revan, 2007.

CUNHA, Marcelo Nascimento. “Teatros de memórias, palcos de esquecimentos: culturas africanas e das diásporas negras em exposições museológicas”.In:*Anais do Museu Histórico Nacional*. Rio de Janeiro, MHN, vol. 40, 2008, p. 1 49-171.

FELGUEIRAS, Margarida Louro. Pensar a história, repensar seu ensino. Porto: Porto Editora, 1994.

FALCÃO. Andréa. Museu como lugar de memória. In: Museu e escola: Educação formal e não-formal. Secretaria de Educação a Distância - Ministério da Educação. Ano XIX – Nº 3 – Maio/2009.

GRISPUM, Denise. A formação do educador e o museu. *Pátio*, Porto Alegre, v. 01, n. 04, fev 1998.

JULIÃO, Letícia. Apontamentos sobre a história do museu. In: *Caderno de Diretrizes Museológicas I*. Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura/ Superintendência de Museus, 2002. p.15-28.

KÖPTCKE, Luciana Sepúlveda. Parceria Museu e Escola como experiência social e espaço de afirmação do sujeito. In: GOUVÊA, Guaracira; MARANDINO, Martha; LEAL, Maria Cristina. (Orgs.). *Educação e museu: a construção social do caráter educativo dos museus de ciência*. Rio de Janeiro: Acess, 2003.

MARANDINO, Martha. Museu e Escola: parceiros na educação científica do cidadão. In: CANDAU, V. M. F.(org) *Reinventar a Escola*. Editora Vozes, Petrópolis, 2000.

MUSAS. *Revista Brasileira de Museus e Museologia*. Rio de Janeiro, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional/Departamento de Museus e Centros Culturais, n. 2, 2006.

MUSEU AFRO BRASIL. *O Museu Afro Brasil*. São Paulo: Banco Safra, 2010.

MUSEU AFRO BRASIL. *Roteiro de visita ao acervo*. 2ª ed. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2007.

PEREIRA, Júnia Sales. S. et al. *Escola e museu: diálogos e práticas*. Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura Superintendência de Museus, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais / Cefor, 2007.

SCHEINDER, Tereza Cristina. O museu como processo. In: *Caderno de diretrizes museológicas*. Belo Horizonte: Superintendência de Museus, 2008.

SANTOS, M. C. T. M. Museu e educação: conceitos e métodos. *Ciências & Letras*, Porto Alegre, n. 312, p. 307-323, jan./jun. 2002.

SANTOS, Myrian Sepúlveda. “Objetos, memória e história: observação e análise de um museu histórico brasileiro”. *Dados – Revista de Ciências Sociais*, 35 (2): 1992, 194-216.

_____. “Os museus brasileiros e a constituição do imaginário nacional”. *Revista Sociedade e Estado*, XV (2): 2000, 271-302.

SUANO, Marlene. *O que é museu*. São Paulo: Brasiliense, 1986. (Coleção Primeiros Passos).